

Transformações no desenho e na produção de vestuário feminino em Diamantina, Minas Gerais, na década de 1970

Transformations in design and in women garment production in the city of Diamantina, Minas Gerais, in the 1970's

Júlia Coelho Brandão, Danielle Paganini Beduschi, Luís Cláudio Portugal do Nascimento.

Mestre em Têxtil e Moda. Mestre em Têxtil e Moda. Doutor em educação.

{juliacoelhobrandao@gmail.com, beduschi.dani@gmail.com, claudioportugal@usp.br}

Resumo. Este artigo relata uma investigação acerca de transformações no desenho e produção do vestuário verificadas em Diamantina, Minas Gerais, na década de 1970, a partir de um estudo de caso causal/exploratório. Busca compreender a forma de trabalho das costureiras locais e interferências ocasionadas pela consolidação de magazines ao longo da década. Também procura identificar mudanças em técnicas de modelagem, no processo de produção e na demanda de pedidos, além de analisar como era realizado o acesso a referências estilísticas por costureiras e fregueses. Para tanto, foram realizadas entrevistas com costureiras e outras pessoas que vivenciaram o processo. Algumas das conclusões sugerem que parcela das costureiras tradicionais de Diamantina se aposentou ou migrou para outras profissões após a comercialização de vestuário se consolidar por meio de empresas que enviam peças já prontas à cidade.

Palavras-chave: Vestuário; Costureiras; Industrialização; Diamantina.

Abstract. *This article reports an investigation about the transformations in design and production of garment verified in the city of Diamantina, Minas Gerais, in the 1970's decade, from a study causal / exploratory case. It aim to comprehend the way the local seamstress work and the occasional interference caused by the consolidation of retail store over a decade. It also aim to identify changes in the modelmaking techniques, in the production and in the demand besides the analysis of how the access to style references was conducted by the seamstress and client. Therefore this qualitative research realized interviews which the seamstress and other people who lived the process. Some of the conclusions suggest that part of the traditional seamstress retired or switched to other profession after Diamantina's garment business got consolidated by the ready-to-wear companies.*

Keywords: *Garment; Seamstress; Industrialization; Diamantina.*

Introdução

O processo de industrialização no Brasil surge em meados do século XIX, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, tendo a década de 1950 marcado a chegada da revolução industrial no Brasil. Neste período, houve a incorporação, de forma mais generalizada, da sociedade ao sistema econômico (MOREIRA,1998).

Ao longo da década de 1960, já era possível observar, não só nas capitais, o estabelecimento de atividades econômicas relacionadas à prestação de serviços, sendo o atacado e varejo de artigos do vestuário, calçados e acessórios parcela significativa dessas atividades, resultante, em grande parte, do estabelecimento de fábricas têxteis no país.

O início da produção de produtos têxteis no Brasil precede a chegada dos portugueses em 1500. Porém, como descrevem Monteiro e Côrrea (2012), o estágio que se estende até 1844 é de incipiência da indústria, sendo o período de 1844 até 1913 aquele em que houve a efetiva implantação desta atividade nas terras brasileiras. Ao longo da década de 1920 até 1950, houve crescimento do setor industrial, chegando a 23% de crescimento em 1940.

As empresas Rhodia (com a Companhia Brasileira de Sedas Rhodiaseta) se instalaram no Brasil em 1919, iniciando atividade no setor têxtil em 1929. No ano de 1935, o consórcio Votorantim (que fundou a Nitro-Química Brasileira para produção de fios e fibras de raiom) instala-se no país e, em 1949, estabelecem-se a Rhodosá (produção de raiom-viscose) e a Du Pont.

As transformações do setor têxtil começaram com a segunda fase de industrialização do Brasil nos anos 1950 (chamada de substituição das importações), sendo que o próprio BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico e Social) começou a financiar o complexo têxtil após 1965, quando tal setor foi incluído nos "grupos preferenciais de indústrias".

Os autores Albino et al. (2010) observam ainda que a consolidação da indústria têxtil no Brasil teve como marco a criação da Feira Nacional da Indústria Têxtil, em 1958. Na década de 1960, apesar do avanço da indústria, no que diz respeito à qualidade dos produtos, a moda ainda se encontrava dependente das tendências provenientes de outros países. É nesta época que, segundo os autores, começam a se estabelecer boutiques nacionais, que iniciam o processo de transição da alta-costura para as confecções.

Aos poucos, consolida-se a moda *prêt-à-porter* no Brasil. Antes das roupas serem vendidas já prontas para vestir em lojas de roupa, os também chamados magazines e lojas de departamento, as pessoas costumavam as roupas elas mesmas, em casa ou, muito comumente, levavam tecidos para costureiras e alfaiates fazerem moldes, cortaram e costurarem.

O comércio varejista no Brasil, por sua vez, é caracterizado, de acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA (2010) por um pequeno grupo de firmas com atuação nacional e um grande número de empresas com atuação regional ou local. De acordo com o instituto essa configuração começou a se formar nos anos 1970, com a chegada de grandes grupos internacionais ao Brasil.

Com relação ao Estado de Minas Gerais, é também nos anos 1970 que a região começa a crescer no que diz respeito ao estabelecimento e faturamento das indústrias

de moda, apesar de indústrias de fabricação de têxteis desde 1872, quando a fábrica da Cedro se estabeleceu em Caetanópolis¹.

Conforme afirmam Albino et al. (2010), a expressividade em termos quantitativos da indústria do vestuário de Minas Gerais se consolidou ao longo da década de 1970 baseada em elementos como disponibilidade de áreas industriais de fácil acesso para a força de trabalho; facilidade de obtenção de trabalhadores de bom nível de escolaridade, predominantemente do sexo feminino, e localização estratégica do Estado em relação aos mercados consumidores e fornecedores de matéria-prima. Além disso, a produção de matéria prima em Minas Gerais criou condições propícias para a expansão dos segmentos da cadeia têxtil, como a produção do vestuário.

Quanto à cidade de Diamantina em particular, para melhor compreensão do processo de industrialização e de formação do comércio varejista local, na próxima seção é apresentado um breve histórico do município. A segunda seção discute as características do vestuário feminino local. Ela é acompanhada, na seção três, de análise de dados coletados por meio de entrevistas. Na última seção, a quarta, são elaboradas as considerações finais.

1. Histórico: a cidade de Diamantina

A cidade de Diamantina, localizada no interior de Minas Gerais, foi eleita, em 1999, Patrimônio Cultural da Humanidade. Sua população é de 45.880 habitantes, possuindo área de 3.982 km² (IBGE, 2012).

Diamantina não foi alvo das grandes instalações pioneiras de fábricas têxteis e estabelecimentos comerciais no setor de atacado e varejo de artigos de vestuário, acessórios e calçados. Sendo assim, o processo de estabelecimento das lojas de departamento teria sido mais gradual. Características da configuração cultural desta pequena cidade sugerem maiores possibilidades de contato e aproximações interpessoais, aspectos importantes, juntamente ao processo de estabelecimento do comércio varejista de artigos de vestuário, para escolha de Diamantina como recorte deste estudo.

Polo turístico, a cidade das montanhas, cachoeiras, estrada real e dos Diamantes, foi também onde viveu Chica da Silva e nasceu Juscelino Kubitschek. Fundada em 1713 e emancipada em 1831, o acesso ao município já pôde ser feito via trem. Hoje, apenas estradas federais e um aeroporto dão acesso à cidade.

De acordo com o "inventário da oferta turística"², a mineração ainda se encontra, atualmente, entre as principais atividades econômicas da cidade no setor primário, em paralelo à agricultura de subsistência (café). No setor terciário (serviços), as principais atividades se dividem entre comércio, transporte e turismo. No setor secundário (transformação), encontra-se apenas a fábrica de tecidos e tecelagem Antonina Duarte.

A relação da cidade com fábricas têxteis ocorreu, primeiramente, com a fábrica de tecidos de Biribiri, inaugurada em 1876. Correia et al. (2006) argumentam que, entre 1850 e 1880, quantidade significativa de fábricas têxteis foi estabelecida no campo,

¹ Conforme informações fornecidas no site da própria empresa, a Fábrica do Cedro foi a primeira indústria têxtil do grupo Cedro e Cachoeira, um dos maiores grupos têxteis do País atualmente.

² Fornecido pela Secretaria de Turismo do Governo do Estado de Minas Gerais via banco do Nordeste.

em regiões próximas a matas e cachoeiras, sendo estas últimas exploradas como fontes de energia. As características acima citadas estão presentes em Diamantina e seus distritos, fator de grande importância para construção dos galpões da fábrica, casas dos operários e, também, de um armazém e de uma escola.

Fundada pelo Bispo João Antônio Felício dos Santos, a fábrica empregava, principalmente, moças pobres da região de Diamantina e arredores.

A Igreja de Biribiri foi financiada e construída pelas próprias moças, que nas horas vagas garimpavam e com a venda do ouro e diamantes conseguiam dinheiro. Em 1876 a fábrica estava pronta. Foi montada com maquinário vindo de Massachusetts-EUA (eram trazidos no lombo das mulas ou em carros de boi). De 1876 a 1921 a Arquidiocese de Diamantina tinha o poder sobre Biribiri até ser vendida a particulares. A fábrica de tecidos funcionou até 1973, quando foi desativada por questões econômicas: o acesso era difícil, as estradas em péssimas condições. No auge dos anos 50 a Companhia Industrial de Estamparia mantinha ali 1200 funcionários. A pequena cidade era abastecida de açougue, armazém, bar, quadra de esportes, refeitório, médico, dentista, clube social, além da igreja, do pensionato, e das casas dos operários que funcionavam em casarões coloniais pintados de branco e azul. ([...] HISTÓRIA [...]) Disponível em: <<http://www.biribiri.com.br/>>. Acesso em: 19 dez 2012.)

Em 1945, foi inaugurada na cidade de Diamantina a fábrica de tecidos e estamparia Antonina Duarte. A fábrica é o estabelecimento de maior porte do município. Já chegou a contar com 600 postos de trabalho. A empresa tem como produto final o algodão com poliéster, geralmente utilizado em roupas de cama, em tecidos para decoração, panos de prato e mesa (SEBRAE, 2001).

A fábrica, hoje, está fechando. Muitos moradores da cidade ainda não conseguiram encontrar novas ocupações, pois não há outra fonte de trabalho similar para tal contingente de trabalhadores. No texto de Arcanjo e Roberto (2011), o depoimento da ex-trabalhadora da fábrica, Terezinha Silva Felício, que hoje sobrevive fazendo pequenos bicos, confirma a situação, no que tange a oportunidades de trabalho na cidade: "Não temos outras indústrias na região e não consigo trabalho todos os dias."

Apesar da presença das fábricas citadas, grande parte dos tecidos utilizados pela população de Diamantina era importada de outros locais. Junior (2007) faz uma análise informativa sobre as lojas de tecido, propaganda e distribuição dos produtos:

(...) a Casa Motta & Cia., se autodenominava o Grande Empório do Norte. Tais casas nem sempre publicavam anúncios em separado para vestuário, já que o próprio nome da casa já remetia a esses produtos - e outros mais. Outra razão para isso poderia ser a menor demanda do mercado consumidor local, formado por menos habitantes, numa cidade com condições financeiras menos favorecidas; podemos considerar, talvez, que se conservassem em Diamantina tradições antigas do norte-nordeste de Minas, com as mulheres costurando as vestimentas dos seus familiares. (JUNIOR, 2007, p. 112).

As costuras feitas em casa e o trabalho de costureiras foi muito presente em Diamantina e permanece, em menor proporção, nos dias atuais. As entrevistas com três costureiras e cinco moradoras da cidade, conduzidas no ano de 2012, como parte do estudo de caso causal/ exploratório³ proposto para este trabalho, mostram como a hipótese levantada por Junior (2007) se encaixa na realidade da cidade e permanece válida até o final da década de 1970. As características do vestuário da época estavam

³ Segundo Yin (2005), o estudo de caso causal/exploratório trata-se de um modelo de estudo de caso que, embora não se resume à exploração, permite ao investigador elencar elementos que lhe permitam diagnosticar um caso com perspectivas de generalização naturalística.

atreladas ao tipo de trabalho executado pelas costureiras e aos editoriais de moda, como pode ser visto a seguir.

2. Características do vestuário

O momento histórico brasileiro em que começam a existir condições concretas para difusão do modelo de produção acelerada e de consumo efêmero de produtos de moda é a década de 1970.

Segundo Monteiro Filha e Corrêa (2002) esta aceleração da produção têxtil no Brasil se dá a partir de 1965, quando o setor é beneficiado com financiamentos concedidos pelo Banco Nacional do Desenvolvimento (BNDES), porém, somente a partir de 1972, os investimentos passam a ser mais representativos, com o auxílio do programa de Financiamento de Máquinas e Equipamentos (Finame), Investimentos Brasileiro S. A. (Ibrasa) e programa de Financiamento à Pequena e Média Empresa (Fipeme). Neste cenário a indústria têxtil pode alcançar o crescimento pretendido com a expansão do consumo que já se desenrolava.

No início da década de 1970, Quirino e França (2004) analisam que todas as tendências parecem coexistir ao mesmo tempo, respondendo à complexidade dos fenômenos da moda e apresentando novos olhares. Esta complexidade provém da febre de consumo que se desenrola durante os anos 1960 e início de 1970. No que diz respeito aos elementos estéticos da moda da década de 1970, como materiais sintéticos, camisas de poliéster, meias de *lycra*, entre outros, estes só se consolidam a partir de meados da década.

De acordo com as entrevistadas, as peças mais usadas na época, principalmente entre as moradoras de Diamantina, são: macacões, vestidos, saias longas, calças e batas com modelagem mais ampla, bem como calças boca de sino, como pode ser observado no editorial de moda da revista *manequim*, figura 1. Mas ao mesmo tempo terninhos clássicos, conjuntos, saia e blusa social continuam sendo usados em ambientes de trabalho, por pessoas mais velhas e por aquelas que não se identificaram com a nova moda, difundida, principalmente, entre a juventude.



Figura 1. Moda e charme andam juntos

Fonte: Revista Manequim. Disponível em: < <http://modaspot.abril.com.br/cultura-fashion/cultura-historia/cultura-historia-decadas-de-moda/moda-historia-da-moda-anos-70> > Acesso em 17 dez 2012.

Ao longo da década de 1970 foram usados tecidos variados, sendo os mais citados pelas costureiras e moradoras de Diamantina, em entrevistas: algodão, brim, cambraia de algodão e de linho, casimira, crepe – mongol e chifon, fostão, gripirra, lã, lanzinha, lezie, linho, malha, matelacê, moirê, musseline, organdi, organza, panamá, poliéster, renda, sarja, tafetá, tergal, tweed, veludo e voil. A seda também era muito usada, sendo a cambraia de algodão e linho também recorrentes.

Os produtos, que seguiam uma proposta de estilo mais livre, com elementos da cultura indiana, hippie e refletindo ideais do festival de música Woodstock aparentavam estética mais largada e descontraída que prezava pelo conforto. A roupa torna-se mais informal, principalmente na moda masculina, como ilustra a figura 1. No que diz respeito à modelagem, em algumas peças, como na saia longa da figura 2, esta se tornou mais simples, com menos recortes e formas mais retilíneas.

A produção de roupas pelas costureiras da cidade, entrevistadas neste trabalho, variava entre 40 a 100 peças por mês, a depender da complexidade do tipo de roupa pedida. A boutique “Nossa Boutique”, de pequeno porte, estabelecida em Diamantina antes da década de 1970 pela Moradora Quatro, entrevistada neste trabalho, vendia cerca de 80 peças por mês na época.



Figura 02: Moda anos 70.

Fonte: Revista Manequim. Disponível em: <<http://modaspot.abril.com.br/cultura-fashion/cultura-historia/cultura-historia-decadas-de-moda/moda-historia-da-moda-anos-70>> Acesso em 17 dez 2012.

Estas entrevistas e pesquisas bibliográficas em jornais forneceram a base para compreensão de como se deu o processo de mudança do vestuário feminino na década de 1970, na cidade de Diamantina.

3. Análise e interpretação dos dados coletados

No intuito de compreender o processo de mudança na produção do vestuário feminino em Diamantina, englobando as alterações no trabalho das costureiras da cidade, foram realizadas entrevistas com oito pessoas que moraram na cidade na década de 1970, sendo que três destas trabalhavam como costureiras na época.

A pesquisa de campo foi conduzida por meio de entrevistas com dois roteiros: um para residentes de Diamantina na década de 1970 e outro para costureiras que moravam em Diamantina no mesmo período.

É notável que todas as cinco moradoras entrevistadas, mesmo que comprassem roupas algumas vezes em lojas, iam, majoritariamente, fazer roupas com costureiras, pelo menos, até meados da década de 1970. Isto demonstra o gradual processo de transição que apresenta cunho muito mais sociocultural que etário e/ou de renda familiar, comumente visto em cidades menores como é o caso de Diamantina, onde as mudanças culturais necessitam de mais tempo para serem consolidadas.

Esta possibilidade fica bem nítida na fala da Moradora Quatro, de classe média alta, que possuía 41 anos em 1970. A entrevistada conta que ia à Belo Horizonte para comprar tecidos diferentes dos vendidos na cidade e os levava para costureiras. A moradora em questão, a julgar por sua idade, provavelmente, não deixava de comprar roupas prontas por proibição de alguém ela afirma que comprava os tecidos na capital mineira para que ninguém em Diamantina tivesse roupas iguais as dela. Evento que poderia acontecer caso ela comprasse roupas prontas em uma loja. A escolha por roupas feitas sob medida com costureiras seria preferência pessoal, originada

possivelmente, pela vantagem de ter uma peça exatamente na medida do seu corpo, sem necessidade de ajustes.

Outro elemento interessante nas mudanças no consumo de vestuário se dá justamente pela mesma moradora quatro, professora aposentada da rede municipal, decidiu, após se aposentar, abrir uma loja de roupas em Diamantina. Uma boutique com roupas clássicas e exclusivas era a principal característica do negócio aberto pela moradora, que oferecia ajustes para suas peças.

Ao serem questionadas se as roupas eram feitas/ encomendadas, para toda a família, algumas entrevistadas, que, possivelmente, são mães de família, e uma entrevistada que era criança no período, respondem afirmativamente. A Entrevistada Três, que apontou costurar na própria casa algumas peças, afirmou que fazia ela mesma as roupas das crianças. Apenas a Moradora Cinco, que tinha 20 anos em meados da década de 1970, afirmou comprar só para ela, o que sugere que garantir a vestimenta da família seria tarefa da esposa.

Ao observar as respostas das três costureiras sobre o gênero, faixa etária e roupas mais pedidas pelos clientes é possível observar como estas características estão vinculadas à renda dos mesmos. A Costureira Um, por exemplo, começou a costurar por necessidade de ajudar nas contas da casa. Fazia roupa para todos os públicos, chegando a confeccionar uma média de 40 peças por mês. Ela enumera como peças mais solicitadas vestidos e saias, vestimentas com recortes, forros. A Costureira Um afirma que suas peças saíam em média 50% mais em conta que as das lojas, a mesma porcentagem da estimativa também fornecida pela Costureira Dois. A diferença é que a segunda costureira fazia majoritariamente batas e saias longas, peças com modelagem mais simples, o que possibilitava que ela produzisse, em menos horas de trabalho, mais que o dobro da primeira costureira (uma média de 100 peças por mês).

Há, ainda, a Costureira Três, que, assim como a primeira, produzia cerca de 40 peças por mês. Ela, porém, ao que se depreende da entrevista, trabalhava para clientela que consumia peças mais formais e de alfaiataria. Isto pode ser observado por meio das peças mais pedidas pelas clientes que variavam entre: terninhos, conjuntos, blazers e saia social. De acordo com a entrevistada, tais peças mantêm um estilo clássico para as mães e até para as filhas.

Um fator apresentado pela terceira costureira entrevistada indica que seus clientes teriam maior poder aquisitivo, pois a porcentagem de custo entre as roupas desta costureira e as roupas das lojas: as roupas da terceira costureira eram apenas 20% mais baratas. Observa-se, também, que o preço de fazer roupas com costureiras era, em sua maioria, menor, o que implica em certa vantagem para os consumidores que optavam por levar a roupa para fazer ao invés de as comprarem pronta em lojas.

O tamanho da cidade (na década de 1970, possuía 34.672 habitantes, sendo que 10.843 viviam no meio rural) (IBGE, 2010) e a inexistência de grandes confecções e fábricas de vestuário, não apenas ao longo da década de 1970, mas também nos dias atuais, podem ser os motivos de todas as costureiras entrevistadas serem autônomas e trabalharem sozinhas em suas próprias casas.

A costura tem fortes elementos da prática cotidiana e da influência familiar, tanto no processo de aprendizagem como de escolha da profissão. Em Diamantina, havia professoras que ofereciam cursos de corte e costura e cursos técnico-

profissionalizantes ministrados pelo Sesi, ambos com a técnica do corte centesimal⁴, curso feito pela segunda e terceira costureira e também pela Moradora Três. O ensino da técnica de modelagem e corte não é consenso entre as costureiras quanto à sua real eficiência, pois a segunda e a terceira costureira afirmaram que não se utilizaram, em suas costuras, muito da técnica aprendida. Outra característica comum entre as costureiras entrevistadas é o tempo de trabalho irregular, variando de acordo com o número de encomendas, fazendo com que as costureiras, por vezes, virassem noites trabalhando. O peso deste tipo de trabalho e as dores musculares são também motivo recorrente de abandono deste trabalho.

Em geral, tanto para as costureiras quanto para as demais moradoras, as publicações em revistas eram as principais referências de estilo e modelo das peças de roupa a serem confeccionadas. Pelos relatos das entrevistadas, não houve significativas alterações no que tange às roupas sociais, clássicas. Os terninhos, conjuntos, calças, blusas e saias sociais mantiveram seus comprimentos, decotes e modelagens. Mudavam as cores e surgiam novos detalhes de acessórios, aviamentos e algumas modificações nos tecidos, como os modelos das rendas para camisas.

As mudanças são mais visíveis e variadas nas chamadas roupas casuais, para uso o dia a dia, com menos formalidade. As saias, godês no início da década, como pode se observar na primeira imagem da figura 3, muito rodadas, vão se tornando mais retilíneas. Saias soltas e longas ganham espaço no decorrer da década mas, no final da década de 1970 e início de 1980, já perdem espaço para as minissaias. Os anos 1970 dão maior destaque a roupas mais largas e fluidas, como as batas, calças largas (como na terceira imagem da figura 3, e pantalonas, que são adotadas, até em uniformes de colégio, como também pode ser observado na figura 3).



Figura 3: Década de 70 em Diamantina

Fonte: Acervo da autora

Outro elemento característico da década de 1970 seria a disseminação de diferentes cores e estampas nas roupas. Característica esta que, de certa forma, influencia a compra de roupas em lojas, no sentido da observação feita pelas

⁴ O Método de Corte Centesimal é um sistema de modelagem de roupas. Com auxílio de escalas centesimais, reproduzem-se, em tamanho natural, os moldes apresentados no livro em escala reduzida.

Moradoras Um e Quatro, ao apontar que as lojas de roupas apresentavam a vantagem de ter diferentes estampas e tecidos nas roupas. A opção de escolher o tecido da roupa a ser feita, antes considerada uma vantagem ao levar roupas para costureiras, converte-se em aspecto neutro ou até desvantajoso, na pequena cidade de Diamantina, em que as pessoas acabam se encontrando com roupas produzidas em tecidos com a mesma cor e estampa.

A fábrica de tecidos Antonina, com produção voltada para roupas de cama e tecidos rústicos, não contribuía para a variedade de tecidos e estampas na cidade. Todas as moradoras entrevistadas afirmam frequentar mais lojas do que costureiras atualmente. A praticidade, comodidade e o tempo seriam fatores que mais pesariam nessa decisão. Conta também o aspecto do preço, que, hoje, tende a ser igual e, em algumas vezes, menor que o de fazer roupa em costureira. A variedade de peças, modelos e estampas que já era maior nas poucas lojas da década desta pesquisa, é muito maior hoje. Da época, fica a desejar a qualidade que, hoje, para todas as moradoras, seria pior. Basicamente, todas criticam a qualidade da costura e do acabamento. A Moradora Quatro, que teve uma loja de roupas na época, observa também queda de qualidade quanto aos tecidos, modelagem, caimento e durabilidade.

4. Conclusão

Processos consolidados ao longo das décadas de 1960 e 1970, como a industrialização brasileira, o incentivo às indústrias têxteis nacionais, a chegada de indústrias têxteis multinacionais, a proliferação do comércio varejista e o crescimento de estabelecimentos e faturamentos das indústrias de moda incentivaram mudanças na moda em proporções que, antes, não teriam sido possíveis.

A imensa variedade de tecidos e estampas, assim como a multiplicação de lojas e o aumento do consumo de artigos de moda, seriam decorrências da industrialização brasileira e de suas implicações. As mudanças na produção e no desenho do vestuário se dariam, ao que se supõe, em escala industrial. Grandes empresas começam a produzir elevadas quantidades de roupas e com isso, precisam também ocupar-se de moldes e costuras.

Para as costureiras de Diamantina, como tais mudanças foram sentidas? Este é um questionamento que reverbera em uma característica específica da cidade. Como observa a Costureira Dois:

(...) em Diamantina, não houve migração das costureiras para facções, confecções, nem fábricas, pois estes postos de trabalho não se consolidaram como opções devido à sua escassa existência na cidade. As costureiras, em geral, se aposentaram ou saíram da costura para outras profissões. (informação pessoal) Costureira Dois⁵.

A observação da costureira entrevistada demonstra um cenário específico, em que não há capacidade para absorção da costura via trabalho assalariado em empresas de confecção. Ao mesmo tempo, o mercado de trabalho garantiu espaço para certa quantidade de costureiras que resistiram às mudanças e adequaram sua produção, sem grandes modificações em sua essência. Isto se nota, principalmente, com relação às costureiras mais antigas, como a entrevistada Costureira Três, que continua

⁵ Entrevista para artigo: Transformações no desenho e na produção de vestuário feminino em Diamantina, Minas Gerais, na década de 1970. Realizada em: 20 dez. 2012.

trabalhando e afirma que, para ela, pouco ou nada mudou na forma de produzir e quantidade de peças feitas mensalmente.

Com esta transformação e redução do espaço da profissão de costureira, a partir do final da década de 1970, e com a concorrência das lojas que apresentam vantagens de facilidade e praticidade, o estudo de caso sugere que este processo demandou mudanças na profissão, com mais ênfase no que tange a efemeridade das tendências da moda e suas variações estilísticas, desde cores, formas, tecidos e modelagens do que a forma de produção (técnica de modelagem/desenho, corte e costura) das costureiras da cidade de Diamantina.

Referências

ALBINO, José Coelho de Andrade et al. **Compreendendo o Processo de Constituição e Projeção da Identidade Corporativa de Marca Seguidora do Campo da Moda: Um Estudo de Caso da Grife Mineira Patogê**. In: XXIV Encontro da ANPAD, 25 a 29 set 2010. Disponível em: <http://www.anpad.org.br/diversos/trabalhos/EnANPAD/enanpad_2010/MKT/MKT1344.pdf>. Acesso em 18 dez 2012.

ARCANJO, Izamara; ROBERTO, Carlos. Invasão chinesa gera desemprego na indústria têxtil. In: **Sindilojasbh**, 2011. Disponível em: <<http://www.sindilojasbh.com.br/noticias/1988/invasao-chinesa-gera-desemprego-na-industria-textil.aspx>> . Acesso em 19 dez 2012.

[...] HISTÓRIA [...] **História da cidade Biribiri**, Disponível em: <[http://www.biribiri.com.br/.](http://www.biribiri.com.br/)>. Acesso em: 17 dez 2012.

CORREIA, Telma et al. **Brasil, suas fábricas e vilas operárias** In: Pós. nº 20, p. 10 – 32., São Paulo, 2006.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – **Cidades: Diamantina**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=312160>>. Acesso em: 04 jan 2012.

Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **O Brasil em quatro décadas**, Brasília, 2010. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/publicacoes/tds/td_1500.pdf>. Acesso em: 12 dez 2012.

JUNIOR, James William Goodwin. **Anunciando a civilização: Imprensa, comercio e modernidade din-de-siècle em Diamantina e Juiz de fora, MG**. In: **Projeto História** n.35, p. 97-117, dez. 2007.

MONTEIRO FILHA, D. C. M.; CORRÊA, A. **Complexo têxtil**. 2002, p. 28. Disponível em:

<http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivos/conhe

cimento/livro_setorial/setorial11.pdf>. Acesso em: Junho de 2015.

MOREIRA, Ruy. "Trabalho e tecnologia". In: **Programa Integrar – CNM/CUT** – Caderno do aluno - Trabalho e tecnologia, p. 116 -130.1998.

QUIRINO, Soraya de Fátima Silvestre Quirino; FRANÇA, Camila Geremias França. **A Moda Brasileira das Décadas de 60 e 70: uma visão organizacional, de produção e mercadológica**. Moda Palavra, p. 102-109, 2004.

SEBRAE: Diagnóstico municipal. Diamantina, 2001. Disponível em: <<http://www.sebraemg.com.br/arquivos/programaseprojetos/Desenvolvimentolocal/diagnosticomunicipais/Diamantina.pdf>>. Acesso em 12 dez 2012.

Yin, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre : Bookman, 2001.

Recebido em 10/12/2014. Aceito em 5/7/2016.